

Resumo: Após uma Introdução sobre as origens do Diaconato, o autor apresenta o testemunho de Inácio de Antioquia, no começo do século II, e a seguir explica de que modo o Diácono é “ordenado para o serviço”, especialmente em relação aos pobres. Mostra em que consiste o ministério diaconal, e qual a sua espiritualidade e sua mística: ele devolve à comunidade a visibilidade e o testemunho do Cristo-Servo. Por último, enfoca a ascese do serviço diaconal, ascese que se caracteriza pela abnegação, doação e humildade. Na conclusão, apresenta com entusiasmo a missão do Diácono Permanente hoje, em nossas comunidades.

Abstract: Following the Introduction concerning the origins of the Diaconate, the author cites the testimonial of Ignatius of Antioch, at the beginning of the II century. In its sequel follows an explanation of the pattern imposed on the deacon being ordained for the ministry, especially in his service to the poor. Further, it gives an account of the nature of the ministry of the deacon and points out his spirituality and source of inspiration. Basically he renders to the faith community the visibility and witness of Christ, the Servant of God. Lastly, special attention is given to the self-discipline of the ministry of the deacon consisting in hardship, self-donation, and humility. In the concluding section appears in shining light with enthusiasm the mission of the Permanent Diaconate engaged in our communities.

A Mística do Diaconato Permanente

*Odécio Carlligaris Gomes da Costa**

* O Autor é Assessor da CNBB no trabalho com Diáconos Permanentes.



Introdução

O diaconato é um ministério que já esteve presente nos primórdios da Igreja. Os documentos do Magistério situam a sua origem na escolha dos sete homens “*de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria*” (At 6,1-6), embora o texto não fale explicitamente de diáconos, ao menos no sentido atual do termo. Referências explícitas a eles encontram-se nas cartas de Paulo (Fl 1,1 e 1Tm 3,8-13).

Na Igreja primitiva há vários documentos sobre a vida e a ação dos diáconos. A “*Didaqué*” assevera que devem ser escolhidos dentre homens “*dóceis, desprendidos, verazes e firmes*” (cap. XV). Inácio de Antioquia afirma que eles fazem parte da hierarquia e que devem ser honrados como Cristo (*Tral.* III,1). Hermas compara-os a “*pedras bem talhadas e brancas*” na construção da Igreja (*Pastor*, n. 96). A “*Didascalia Apostolorum*” aconselha cada cidade a ter o número suficiente de diáconos e insiste em que eles sejam “*os ouvidos e a alma do bispo*” (III, 13,1; II, 44,4). Clemente de Roma atribui ao diaconato uma instituição divina e vê nos profetas do Antigo Testamento uma prefiguração de sua existência (*Ad Cor.*, c. 42). O sínodo de Neo-Cesaréia, em 314 (c. 14), reduz seu número a sete, apoiando-se nos Atos dos Apóstolos. Hipólito de Roma afirma que o diácono é ordenado pela imposição das mãos do bispo e não do presbitério, pois ele é ordenado “*não para o sacerdócio, mas para o ministério do bispo*” (III, 1,2). O “*Testamento do Senhor*” afirma que o primeiro ofício do diácono é acolher as ordens do bispo e executá-las (1,34). Os pontificais, por sua vez, fazem referência às suas funções litúrgicas.

O ministério diaconal, nos primeiros séculos, assume a dimensão da caridade, juntamente com o serviço ao culto e à pastoral. Nas primeiras comunidades cristãs percebemos uma consciência de que a diaconia é a expressão concreta do amor. “*Pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros*” (Gl 5,13). A diaconia é vivida como consequência do seguimento de Jesus, na humildade, na pobreza, na obediência, na disponibilidade, na entrega até o martírio, no compartilhar bens, dores, alegrias, aspirações. Já nas comunidades do primeiro século temos uma organização caritativa da Igreja que provoca admiração entre os pagãos e certamente é a grande atração e motivo de conversão de tantos ao cristianismo. É pela diaconia da acolhida nas casas, pela diaconia da coleta, diaconia das refeições, diaconia da palavra, diaconia da administração dos bens, que as comunidades tornam-se lugar da realização de uma sociedade *sem necessitados entre eles*” (At 4,34)¹.

¹ CNBB. *Diretrizes para o Diaconato Permanente*. Doc. 74.



Inácio de Antioquia

No século primeiro, Santo Inácio de Antioquia, provavelmente percebendo incompreensões no relacionamento interno da Igreja e, também no povo de batizados, escreve uma carta orientadora aos tralianos: “Desejo precaver-vos como a filhos meus muito caros. Inácio, chamado também o Teóforo, à santa Igreja, amada por Deus, Pai de Jesus Cristo, que está em Trales da Ásia; à eleita, digna de Deus, que tem a paz na carne e no sangue, na paixão de Jesus Cristo, nossa esperança, quando ressurgimos para ele; saúdo-a efusivamente à maneira dos apóstolos e desejo-lhe plena salvação.

Sei que tendes o espírito constantemente irrepreensível e apegado à paciência, não apenas na prática, mas por boa disposição. Isto me afirmou vosso bispo Políbio que, por vontade de Deus e de Jesus Cristo, esteve em Esmirna e que de tal forma se congratulou comigo, prisioneiro em Jesus Cristo, que, através dele, vos contemplei a todos vós. Acolhendo por meio dele vossa benevolência, conforme a de Deus, dei glória a Deus porque não só vos conheci, mas vos encontrei como verdadeiros imitadores seus.

Sois submissos a vosso bispo como a Jesus Cristo; por isto me pareceis viver não como simples homens, mas conformes a Jesus Cristo que por nós morreu; crendo deste modo em sua morte, escapais da morte. É realmente preciso que nada façais sem o bispo; é assim que procedeis. Sede obedientes aos presbíteros como aos apóstolos de Jesus Cristo, nossa esperança, e assim estaremos vivendo nele.

É também dever dos **diáconos**, ministros dos mistérios de Jesus Cristo, procurar de toda maneira agradar a todos. Pois não são diáconos para a comida e bebida, mas ministros da Igreja de Deus. É necessário, portanto, que evitem as más ações como ao fogo.

Igualmente respeitem todos aos **diáconos** como a Jesus Cristo, do mesmo modo que têm reverência pelo bispo, figura do Pai, e pelos presbíteros, senado de Deus e conselheiros dos apóstolos. Sem eles não existe a Igreja. Estou persuadido de que é este o vosso pensar. Tive uma prova de vossa caridade e a tenho comigo na pessoa do vosso bispo. Sua própria maneira de viver é uma lição e sua mansidão é uma força... Suplico-vos, portanto, não eu, mas a caridade de Jesus Cristo, que tomeis unicamente o alimento cristão e rejeiteis toda erva daninha, a heresia.

Isto se fará se não fordes orgulhosos nem vos afastardes de Jesus Cristo Deus, nem do bispo nem dos preceitos dos apóstolos. Aquilo que



está no altar é puro; fora do altar, já não é puro. Quero dizer, quem faz o que quer que seja sem o bispo, os presbíteros e os **diáconos**, não tem pura a consciência. Não por ter sabido de algo assim, entre vós, escrevo estas palavras, mas desejo acautelar-vos, como a filhos meus muito caros.”².

Nessa carta há elementos teológicos e pastorais fundantes, que muito ajudarão no reconhecimento da identidade do ministério diaconal e do próprio ser do diácono permanente. Certamente, as dificuldades surgem, porque há resistência quanto à formação. É óbvio: a formação forma a ação, e nem sempre a ação tem o jeito que Jesus ensinou e que a Igreja orienta. A formação, por sua exigência, muda a mentalidade, abre perspectivas, converte e santifica... compromete!

Ordenado para o serviço

O diácono é aquele que pela imposição das mãos do bispo recebe o Sacramento da Ordem no primeiro grau. “*Não ordenado para o sacerdócio, mas para o serviço*”, configurado ao Cristo-Servo, aquele que veio *para servir e não ser servido* (cf Mc 10,45). O diácono se caracteriza pela sua sensibilidade para com aos pobres e sofredores. Percebe situações de injustiças, vai ao encontro dos injustiçados para salvá-los, “lavando-lhes os pés”, nem que possa custar a sua vida. Foi assim com os profetas, com Jesus Cristo, o Servo de Javé, e será com todos os seguidores do Senhor e Mestre.

“Alguns discípulos e missionários do Senhor são chamados a servir à Igreja como diáconos permanentes, fortalecidos, em sua maioria, pela dupla sacramentalidade do Matrimônio e da Ordem. São ordenados para o serviço da Palavra, da Caridade e da Liturgia, especialmente para os sacramentos do Batismo e do Matrimônio; também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja,” como lembra o Documento de Aparecida³.

No mesmo Documento, aparece o tríplice múnus numa sequência pedagógica: Palavra, que inspira, ensina, converte; Caridade, a práxis de Jesus; e Liturgia, que celebra, alimenta, e encoraja para reiniciar a

² Proêmio: nn. 1,1-3,2;4,1-2;6,1;7,1-8,1 (cf FUNK 1, 203-209), in “*Liturgia das Horas*”, vol. IV, p. 303.

³ DAp. 5.3.3, 205).



trilogia. É importante viver esses desempenhos equilibradamente. Como a identificação do diácono se dá concretamente na Caridade, na realização das boas obras de Jesus Cristo, o testemunho iluminará a todos.

Ainda Aparecida: “Cada diácono permanente deve cultivar esmeradamente sua inserção no corpo diaconal, em fiel comunhão com seu bispo e em estreita unidade com os presbíteros e os demais membros do povo de Deus. Quando estão a serviço de uma paróquia, é necessário que os diáconos e presbíteros procurem o diálogo e trabalhem em comunhão”⁴.

O ministério diaconal

O Concílio Vaticano II, restaurando venerável tradição eclesial, definiu o diaconato um “ministério da liturgia, da palavra e da caridade”. O diácono, portanto, participa segundo uma modalidade própria das três funções de *ensinar, santificar e governar*, que correspondem aos membros da hierarquia. Ele proclama e ilustra a Palavra de Deus; administra o Batismo, a Comunhão e os sacramentais; anima a comunidade cristã, principalmente naquilo que diz respeito ao exercício da caridade e à administração dos bens.

O ministério destes clérigos, em seus vários aspectos, se caracteriza pelo *sentido de serviço* que dá nome à ordem “diaconal”. Como para qualquer outro ministro sagrado, o serviço diaconal se dirige em primeiro lugar a Deus e, em nome de Deus, aos irmãos; mas a diaconia é também serviço ao episcopado e ao presbiterado, aos quais a ordem diaconal está ligada por vínculos de obediência e de comunhão segundo as modalidades estabelecidas pela disciplina canônica. Dessa forma, todo o ministério diaconal constitui uma unidade a serviço do plano divino de redenção, cujos âmbitos distintos estão ligados entre si: o ministério da palavra leva ao ministério do altar, que por sua vez comporta o exercício da caridade.

Portanto, o Bispo há de empenhar-se para que todos os fiéis, especialmente os presbíteros, tenham estima e apreço pelo ministério dos diáconos, por causa do serviço que desempenham (litúrgico, catequético, sócio-caritativo, pastoral, administrativo etc.) pela edificação da Igreja, e porque eles preenchem a lacuna de eventual escassez de sacerdotes”⁵.

⁴ DAp. 5.3.3, 206.

⁵ Congregação para os Bispos, *Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos*.



A espiritualidade do Diácono

É impossível aos discípulos e às discípulas de Jesus viver sem espiritualidade. E isso porque, sendo a espiritualidade aquele “espírito” que, com a graça de Deus, anima a vida e as ações do cristão e da cristã, ela nos oferece o *élan* que dá vida às propostas da evangelização, ajudando a buscar a fidelidade ao Espírito de Deus, que nos leva a discernir os sinais dos tempos e a procurar o bem das pessoas e da comunidade. Isso vale também para o serviço do diácono, o qual, como nos lembra Puebla, deve ser sinal sacramental de Cristo Servo e expressão eficaz de uma Igreja servidora e pobre, chamada a exercer a sua missão em vista da libertação integral da pessoa humana (cf. DP, 697).

Para que o diaconato não perca essa perspectiva, ele precisa cultivar uma espiritualidade adulta e dinâmica, crescendo cada dia “na descoberta e partilha do amor de Cristo-Servo”. Se o diácono quiser colocar-se na Igreja e no Mundo como ícone de Cristo Servo, precisará de uma mística e de uma ascese que o transforme em mensageiro da diaconia do Senhor. Sem espiritualidade, o diácono correrá o risco de “patinar” o tempo todo, acabando por tornar-se um mero “coroinha de padre”, deixando-se inclusive manipular, sem personalidade. Na falta de uma verdadeira espiritualidade, a sua missão será vista exclusivamente por critérios pragmáticos, apenas como solução para a falta de presbíteros (cf. DP, 698). Terminará sendo apenas um “enfeite” para as nossas igrejas.

O que é espiritualidade

Antes, porém, de tentar definir qual o tipo de espiritualidade apropriada para o ministério e a vida do diácono, convém entender o seu significado verdadeiro. Podemos dizer que a espiritualidade, na sua essência, é *seguimento de Cristo*. “A espiritualidade cristã autêntica é aquela que leva ao encontro de Jesus na sua integralidade”. É o modo ou a forma concreta de seguir Jesus Cristo em um determinado lugar e em uma determinada época (cf. Lc 9,23-26).

Enquanto seguimento de Cristo, a espiritualidade é, sem dúvida, um estilo de vida vivido *no* Espírito. A maneira de seguir Jesus é sempre algo *suscitado* e *determinado* pelo Espírito do Pai (Rm 8,12-18). Assim sendo, a espiritualidade torna-se o modo concreto de viver o chamado à *santidade* (1Pd 1,13-16; 2,4-10). Na vida da pessoa que cultiva uma espiritualidade profunda, passa a existir uma *coincidência* entre o espírito



humano e o Espírito divino (Gl 5,22-26). O nosso ser e o nosso agir são pautados pela lei da liberdade; o nosso caminhar se dá sob a ação e “o impulso do Espírito” (Gl 5,25).

Pode-se então dizer que a espiritualidade é o conjunto de *inspirações* e de *convicções* que anima o cristão e a cristã na sua relação com o Deus Trindade (Rm 4,1-25) e também o conjunto de *atitudes* e de *comportamentos* sociais que nascem dessa relação (Rm 12,9-21). A espiritualidade é a *experiência de comunhão* com a Trindade e, portanto, a fonte de comunhão com as outras pessoas (1Jo 4,7-21). Ela é uma vida de comunhão com a vida da Trindade, realizada pela ação do Pai, na força redentora do Filho, através de uma ação permanente do Espírito. Vida de *relação* com Deus que desabrocha na irmandade e na solidariedade para com os irmãos e irmãs, de modo particular os excluídos e excluídas.

Talvez a melhor definição de espiritualidade seja dada por este texto paulino:

“Quero conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão em seus sofrimentos, para tornar-me semelhante a ele em sua morte, a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos” (Fl 3,10-11).

O diácono e sua mística

No âmbito da mística iremos mostrar que ela possui três dimensões: a antropológica, a teológica e a eclesial. Na antropológica, aparece uma visão de pessoa humana com a qual a Trindade se comunica. Na teológica, se revela o Deus que se manifesta à humanidade como comunidade de pessoas (Trindade). Na eclesial, é possível identificar o diácono como alguém inserido na Igreja, buscando diariamente viver no seguimento de Jesus. A espiritualidade verdadeira brota de uma experiência de comunidade. Já no âmbito da ascese, falaremos de experiências significativas que os diáconos podemos fazer quando assumimos a missão de ser sinal sacramental de Cristo-Servo.

a) Dimensão antropológica

A mística do diácono consiste, em primeiro lugar, naquela capacidade de servir tendo presente o *valor* da pessoa humana (Sl 8,6-9), imagem e semelhança da Trindade (Gn 1,26-27). A partir dessa perspec-



tiva, a missão do diácono passa a ser vista acima de tudo como *serviço*, especialmente aos mais pobres e pequenos.

No encontro com as pessoas, especialmente os pobres, o diácono deverá perceber sempre a *ação do Espírito Santo*, do qual elas são templo (Rm 8,9.14-16; 1Cor 3,16). Isso leva a um empenho social que, de fato, contribua para o cultivo dos valores humanos e cristãos (Rm 12,9-21).

Nesse sentido, a diaconia passa a ser um espaço de *liberdade* e de *libertação* (Gl 5,1-15). Supõe pessoas realmente livres, capazes de entrar em diálogo com Aquele que é a fonte da liberdade e com irmãos e irmãs chamados e chamadas por Cristo para serem “*verdadeiramente livres*” (Gl 5,1). A partir dessa realidade, a atividade diaconal vai suscitar, em primeiro lugar, a consciência da importância do chamado à vida (Jo 10,10), não buscando direcionar logo as pessoas para os interesses dos grupos, mas para o projeto libertador da Trindade. Assim, a mística ajudará a “recuperar o autêntico sentido de vocação e ministério que às vezes é compreendido numa perspectiva funcionalista”, porque visa atender apenas as necessidades imediatas da instituição.

A mística, no exercício do ministério diaconal, significa ainda ter sempre e somente como *modelo* de pessoa humana a figura de Jesus Cristo (Rm 5,12-21) e como *referenciais* para o seguimento apenas as exigências do Reino (Mt 10,34-39). O diácono é alguém que procura propor sempre o *ideal* (Mt 5,48), mas sem tirar os pés do real (At 1,10-11), prestando bastante atenção aos “sinais dos tempos” (Mt 16,1-4; Lc 12,54-57). Não fica, portanto, “andando nas nuvens”, fora da realidade e do compromisso concreto com a sua comunidade.

b) Dimensão teológica

Quanto mais a pessoa for humana, mais ela poderá viver a vocação como chamado à *comunhão* com a Trindade e com as demais pessoas da comunidade (Gn 2,18; 1Jo 1,1-4). Da mesma forma, essa comunhão será profunda, verdadeira, envolvendo todo o ser da pessoa humana: espírito, alma e corpo (Gn 2,22-24; Jr 2,2; Ap 19,7-9; 21,2.9). Sendo uma experiência de “sedução” (Jr 20,7), a vocação diz respeito ao ser humano por inteiro. Não pode ser considerada como algo que atinge apenas partes ou uma parte do ser humano.

Esse pressuposto indica que a verdadeira mística leva a pessoa a assumir a vocação como ato de *amor* a Deus e amor ao próximo (Jo



15,12-17). O diácono vê cada pessoa como alguém chamado por Deus para participar do seu *mistério* de amor (Ef 1,3-12). Desse modo não colocará em primeiro lugar as “obras” de evangelização – por mais importantes que elas sejam –, mas tão-somente o desejo de ajudar alguém a tomar parte ativa no dinamismo que nasce do amor sem medidas que brota do coração da Trindade. O diácono, que também é vocacionado a ser místico, tem a certeza de que, ao chamar, Deus sempre coloca a pessoa em condições de responder à sua convocação. O Pai sempre oferece a sua graça por meio da mediação do Filho e da ação do Espírito (Rm 5,15- 21; Ef 4,7; 1Cor 15,10). Isso leva o diácono a ter mais respeito pelas pessoas, evitando tratá-las como se fossem suas propriedades. No seu ouvido ressoará sempre a palavra de Javé: “*Eu... o chamei pelo nome; você é meu*” (Is 43,1). A mística afugenta qualquer tentação de manipulação do ser humano.

c) Dimensão eclesial

A experiência mística de que estamos falando levará o diácono, necessariamente, a viver e ajudar os membros da comunidade a serem pessoas inseridas e participantes ativos da vida eclesial (Mt 18,20; Jo 20,24-29; At 4,32-37). E isso sem pretensões exageradas a não ser aquela de que a vocação é convocação para ser “*sal e luz*” (Mt 5,13-16), “*semente de mostarda*” e “*fermento na massa*” (Mt 13,31-33). Nessa perspectiva, a mística significa ter sempre presente que a comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus é chamada a ser “*pequenino rebanho*” (Lc 12,32), eliminando de vez qualquer tentação de grandeza e de suntuosidade. A mística cristã é mística da pequenez, da simplicidade, sabendo que, como no caso de Jesus, a pequenez será a epifania do Reino. Uma mística da *encarnação*, cuja dinâmica é o chamado a “misturar-se com...” (Mt 2,1-12; 3,16-17; Jo 2,1-12), num total escondimento.

A missão do diácono é apenas de ser “*parábola*” do Reino (Mt 13,34-35). Por isso ela requer uma mística da *vigilância*. Algo que nos ajude a perceber a chegada do Senhor no espaço e no tempo em que não se espera. Trata-se de estar sempre pronto para acolher as surpresas de Deus (Mt 25,1-13). Pode-se então falar de mística da multiplicação dos talentos recebidos (Mt 25,14-30), prestando muita atenção à presença do Senhor no rosto dos excluídos e das excluídas (Mt 25,31-46).



A ascese do serviço diaconal

a) Cultivar a humildade no serviço

A mística da qual se falou até agora vai requerer um esforço, uma *ascese*, nos termos analisados anteriormente. Tal ascese significa, em primeiro lugar, exercer o ministério diaconal com o espírito de despojamento e sem grandes pretensões: “*Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer*” (Lc 17,10). Dentro desse clima, o diácono procura educar o Povo de Deus sempre para a *Verdade* que liberta (Jo 8,32). Isso significa exercício do ministério com toda a *transparência* possível, não querendo ser aquilo que, de fato, não é (Mt 23,27-28). Lembrando sempre que a *regra de ouro* da evangelização é o testemunho de vida (Jo 1,39; Fl 3,17; 4,9), o diácono praticará a ascese da superação de toda mentalidade proselitista (Mt 23,15). Seu trabalho evangelizador não se dará através de discursos bonitos, mas por meio da “convivência com o Evangelho”.

Assim, ele não tentará converter a todo custo as pessoas, mas, pelo contrário, se fará reconhecer como discípulo do Senhor sendo “presença viva da caridade de toda a Igreja” no meio da humanidade.

b) Exercer o ministério com abnegação

O cultivo da humildade mostra que o exercício do ministério diaconal deve ser revestido de *silêncio reverente*, entendido como capacidade de respeitar as pessoas, evitando dizer o que não seria bom para o crescimento delas (Tg 3,1-12). Trata-se da superação do exibicionismo, da pretensão de superioridade na relação com os demais irmãos e irmãs da comunidade. O serviço diaconal é também uma permanente escola de aprendizagem; exige uma ação carregada de realismo, sem falsas ilusões, mas com a consciência clara de que não sabemos tudo (1Cor 3,18-19).

Diríamos, portanto, que a ascese da abnegação no serviço diaconal é cultivar a “*passividade*” diante de Deus. Tal atitude pode ser identificada como o permanecer sempre aberto para acolher a vontade divina que, quase sempre, passa bem distante das nossas pretensões e dos nossos projetos “bem feitos” (Gn 22,1-19; Is 55,8). Por essa razão, é muito importante não pretender *demais* dos irmãos e das irmãs. A missão diaconal, como a do servo Jesus, é, antes de tudo, uma proposta: “*Se você quer...*” (Mt 19,21). Nesse sentido, o cultivo da ascese passa necessariamente pela *sensibilidade* que faz do diácono um homem ca-



paz de perceber os apelos divinos nos gritos da humanidade sofrida e oprimida. Pode-se então dizer que é típico da ascese diaconal assumir a opção preferencial pelos pobres, marginalizados e excluídos. Enquanto *apóstolo da caridade*, o diácono responde ao chamamento divino na medida em que se deixar tocar profundamente pela dor da humanidade e for capaz de se revestir de muita compaixão.

Isso tudo mostra que é preciso assumir seriamente o serviço diaconal na perspectiva da caridade, evitando reduzir esse ministério ao âmbito puramente celebrativo. A ascese diaconal é bastante exigente quanto a isso, e não adianta arranjar desculpas para fugir da responsabilidade (Lc 14,15-24). Embora o exercício do ministério diaconal comporte o serviço da Palavra e da Liturgia, os diáconos precisam ter a coragem de priorizar o serviço da Caridade, evitando querer abraçar várias coisas ao mesmo tempo. Para o diácono, a ascese cristã comporta acolher a graça sacramental e a missão que fazem dos diáconos verdadeiros administradores da caridade e do serviço social da Igreja. Como São Lourenço, o diácono vive a ascese cristã no cuidado especial pelos pobres, verdadeiros “tesouros da Igreja”. Colocando os pobres no *centro* da vida eclesial (cf. Mc 3,3), o diácono saberá também relativizar muitas coisas (Mc 8,36-37), certo de que “*a figura deste mundo passa*” (1Cor 7,31). Buscará, desse modo, *a única coisa necessária* (Lc 10,42).

c) Fazer a experiência da limitação no serviço diaconal

A abnegação nos faz lembrar sempre que *somos limitados*. Não nos deixa sucumbir à tentação de querer “ser como Deus” (Gn 3,5). Talvez uma das maiores tentações do ser humano é querer ser “todo-poderoso”, dono da vida alheia. Ora, quando cedemos a essa tentação, nos tornamos destruidores da beleza da vida criada por Deus. Mas há também um outro aspecto. Diante dos desafios, pode-se ter a sensação de fracasso, de impotência, de não ter servido para nada. Por isso, no exercício da diaconia, é preciso sempre acreditar nesta resposta do Senhor a Paulo: “*Para você basta a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder*” (2Cor 12,9). Esta certeza, porém, não dá direito à acomodação. Nesse sentido, o diácono cultiva a ascese cristã vivendo num clima de “*insatisfação espiritual*”, sem nunca se conformar com a mentalidade vigente (Rm 12,1-2). É indispensável fazer da própria experiência de limitação um motivo para a busca do crescimento, evitando a estagnação, repugnando toda forma de mediocri-



dade (Fl 3,12-14). Dentro desse clima da ascese da limitação, precisa-se evitar a *subjetividade* no exercício do ministério, não tendo como único critério a própria vontade ou a própria consciência (Rm 14,1-15; 1Cor 8,7-13; Tg 4,11-12). Em razão disso, o diácono nunca deve colocar-se como ídolo para os outros (At 14,11-18). De fato, ele não é ordenado para si mesmo, mas para o serviço à comunidade, ajudando a construir um mundo conforme o projeto divino.

d) Buscar ser uma pessoa livre

A experiência do limite é positiva. Faz a pessoa tornar-se *autônoma*. Sabemos que a autonomia cristã nasce da *experiência quenótica*, do fazer-se servo (Fl 2,5-8). No ato de servir, a pessoa humana, a exemplo de Jesus, adquire o *poder* de dar a vida e de retomá-la, sem ser pressionada por ninguém (Jo 10,18). A partir de uma profunda experiência de *fé*, que rompe qualquer barreira, nos tornamos capazes de prosseguir sem medo (Hb 11). A autonomia, a liberdade, provém também da capacidade de *escutar* sempre (Lc 2,19.51), lembrando que Deus nos fala continuamente, pela Lei e pelos Profetas (cf Lc 16,31). “O diácono, antes de ser servidor da Palavra, será discípulo e ouvinte”. Disso brota aquilo que o Novo Testamento chama de *obediência* pelo sofrimento. Nesse sentido a ascese é firmeza, ou seja, audácia, coragem em persistir e resistir (Hb 5,7-10).

Dentro desse prisma, considera-se ascese do serviço diaconal o esforço para superar a “*letra*” e buscar o “*espírito*” da Lei, ou seja, aquilo que, de fato, favorece o bem da pessoa humana (2Cor 3,4-6). Ao exercer o ministério, o diácono procura superar o *egocentrismo*, dando-se conta do que está acontecendo com as pessoas ao seu redor (Lc 10,25-37; Mc 10,49). Para tanto é preciso um esforço para atingir um grau de *liberdade* que permita agir sem constrangimentos, podendo doar-se totalmente (Jo 10,17-18), lutando para *não ser escravizado* por nada e por ninguém (Gl 5,18), tendo como compromisso permanente apenas *amar* (Mc 12,28-34; 1Jo 4,7-21).

e) Assumir a experiência da própria fragilidade

Enquanto ascese, a experiência da limitação abre perspectivas para a aceitação da própria *fragilidade*. O diácono será alguém que experimentou na sua carne aquilo que também tocou profundamente o apóstolo Paulo: “*todos pecaram e estão privados da glória de Deus*” (Rm 3,23). Isso lhe ajuda a não querer bancar o “santo” diante das demais pessoas,



mas alguém que reconhece a sua condição de criatura frágil, necessitada permanentemente de misericórdia e de perdão.

Nesse sentido a ascese diaconal consiste em assumir, diante dos irmãos e das irmãs, a *responsabilidade* pelos próprios atos, evitando justificar sempre o erro (Gn 3,8-14). Significa também evitar *sufocar* a consciência com o relativismo e com a desculpa de que “todos fazem assim”. O diácono, enquanto homem público de Igreja, assume o compromisso de reconhecer sempre a própria condição de pecador (Lc 18,13). Isso quer dizer que, num verdadeiro caminho ascético, o diácono busca igualmente *reparar* os próprios erros, especialmente os danos cometidos contra as pessoas (Lc 19,1-10), além de assumir seriamente o compromisso de mudar de vida (Lc 19,8). No seu serviço, cultivará atitudes que ajudem a romper com a mediocridade e a superficialidade (Mt 5,29-30).

Conclusão

A espiritualidade que alimenta a vida cristã terá que ser algo permanente e do dia-a-dia da vida. “Esta não é uma espiritualidade apenas para momentos de oração e retiro, mas a descoberta de Deus lá onde as pessoas vivem, trabalham, amam, riem e choram. Esta experiência pessoal de Deus, *esta vivência mística*, não está destinada a ficar fechada no íntimo do indivíduo, mas *se tornará a base do testemunho*: não de uma verdade abstrata, apenas proclamada em palavras, mas de *uma verdade que se fez vida* e expressa a comunhão com Deus na comunhão dos irmãos”.

Essa proposta vale, sobretudo para os diáconos, uma vez que eles são pessoas “que representam pública e oficialmente o Cristo-Servo na sua família, no trabalho, na comunidade e na sociedade. Suas palavras, gestos e atitudes manifestam o Cristo”. Por essa razão, tal espiritualidade terá que ser trinitária, expressando a diaconia de Cristo, Filho de Deus, portador do Espírito, vindo para servir, de modo particular os mais pobres. Portanto, uma espiritualidade pascal, com momentos de cruz e de ressurreição, uma vez que não será possível ser ícone do Cristo-Servo sem partilhar da sorte daquele que é o modelo de todo servidor (cf. Lc 9,22-25).

Enquanto experiência de Deus vivida a partir dos últimos, a espiritualidade do diácono é algo que está relacionado com o reverso da história. Ela só pode ser vivida quando o diácono se deixa *tocar* pela dor dos oprimidos, dos que são afetados pelas provações da vida. Neste sentido, a espiritualidade diaconal é também a espiritualidade da soli-



dariidade e do martírio, profundamente marcada por relacionamentos, por encontros, de modo particular com os pequeninos e os pobres, nos quais Cristo está presente. Pode-se então afirmar que a espiritualidade do diácono é uma *espiritualidade da estrada*.

Deus não se encontra só nos templos, nos ritos religiosos, mas no próximo caído que grita por socorro. A espiritualidade do diácono é a espiritualidade da *proximidade*: aproximar-se, compadecer-se, assumir as dores das pessoas feridas e maltratadas. Sem esse elemento fundamental, o diácono corre o risco de se tornar um mero *funcionário* do culto. Vemos então que a espiritualidade diaconal não pode estar desconectada da vida concreta, da afetividade e da sexualidade. Aliás, como lembram muito bem as Diretrizes para o Diaconato, a dimensão humano-afetiva é o *alicerce* da vocação do diácono. Toda fuga do humano se constitui numa negação da essência do cristianismo. Por essa razão, a busca do equilíbrio humano-afetivo, tanto para o diácono casado como para o celibatário, é fundamental para a vivência de uma autêntica espiritualidade.

Enfim, tudo isso mostra que a espiritualidade diaconal, enquanto experiência cristã, é um *caminho*, ou, se quisermos, um edifício em construção. Nunca alguém vai poder dizer que já chegou à plenitude e que não precisa mais crescer na direção de Cristo. Tendo feito a experiência de ter sido “*conquistado por Jesus Cristo*”, o diácono terá que continuar correndo, *lançando-se em direção à meta* que o Pai propõe para toda a humanidade (cf. Fl 3,7-14)”⁶. Enfim, repetindo as palavras de Dom Luciano Mendes de Almeida, **“que os diáconos sejam aqueles que devolvem à Igreja a sua credibilidade, aqueles que devolvem às comunidades a sua capacidade de testemunho.”**

Endereço do Autor:

Rua 8, n. 727 – Apto. 64
13500-144 Rio Claro, SP

⁶ LISBOA, José. Palestra proferida no 3º Encontro Nacional de Formação Permanente de Diáconos e Esposas, Luziânia/GO, fevereiro de 2005.